

MUSEU AO VIVO

INFORMATIVO DO MUSEU DO ÍNDIO / FUNAI • ANO 17 • NÚMERO 28 • FEVEREIRO A OUTUBRO DE 2006



DESTAQUE

2006 no Museu do Índio: realizações e perspectivas

Página 3



Jorge Fulni-ô



PERFIL

Cinegrafista Marika Kuikuro

Página 2



INFORMES

Índios documentam em vídeos universo ritual do povo Kuikuro

Página 4





Neste número do Museu ao Vivo, os leitores podem perceber o processo de conscientização dos próprios índios em relação à necessidade e à importância de preservar e documentar suas culturas.

Na seção Perfil, destaca-se o cinegrafista Mariká, da tribo Kuikuro, que, em parceria com Takumã Kuikuro, produziu *NgunéElü: O Dia em que a Lua Menstruou*, vencedor do prêmio Chico Mendes de melhor documentário no Festival de Rondônia em 2004.

Na página 4, artigo do Professor José R. Bessa Freire sobre turismo em área indígena. O jornal apresenta, ainda, uma retrospectiva da programação do Museu do Índio em 2006. Outros projetos também estão acontecendo como a exposição fotográfica "A conquista da escrita", com inauguração prevista para o final do ano no Muro do Museu, abordando a introdução da escrita nas sociedades indígenas. Intensa programação está sendo planejada para 2007. Vale a pena conferir na próxima edição do Museu ao Vivo.

Até lá. Assessoria de Comunicação Social.

MUSEU A VIVO

Ano 17 • Nº 28 • Fevereiro a Outubro de 2006

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação Social
do Museu do Índio

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça

Márcio Thomaz Bastos

Presidente da FUNAI

Mércio Pereira Gomes

Diretor do Museu do Índio

José Carlos Levinho

Assessoria de Comunicação Social

Redação / Revisão

Cristina de Jesus Botelho Brandão

(Reg. Prof. RJ 15633 JP)

Marta Gontijo Chalu Barbosa

Rosângela de Oliveira Abrahão

(Reg. Prof. RJ 16125 JP)

Julia Parucker (estagiária)

Fotos: **Vicent Carelli e Julia Parucker**

Editoração: **Mastergraph Serviços Gráficos**

5 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo

CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ

Telefone 21 2286-8899

comunicacao@museudoindio.gov.br

www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



Mariká nasceu na aldeia Kuikuro, um povo de língua Karib que vive na região do Parque do Xingu, em Mato Grosso. Com 26 anos, capacitado para registro em câmera digital profissional, ele trabalha com vídeo desde 1995, quando a ONG Vídeo nas Aldeias desenvolveu o Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas. O cinegrafista, premiado no Festival de Rondônia, em 2004, atua como secretário da Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu – AIKAX, fundada, em 2002, com o objetivo de promover o desenvolvimento de atividades socioeconômicas e a defesa do patrimônio territorial, ambiental e cultural do povo Kuikuro. Atualmente, Mariká está produzindo um vídeo sobre o comportamento do público infantil durante as atividades educativas com presença indígena. Em abril, no



Dia do Índio, ele esteve no Museu do Índio, gravando entrevistas com as crianças visitantes.

A organização Vídeo nas Aldeias apresentou para os índios os equipamentos de vídeo, como câmeras, microfones e tripés, e montou oficinas para ensiná-los como usar este material. Mariká foi um desses jovens que, rapidamente, aprendeu e começou a desenvolver projetos com os habitantes daquela região. Segundo ele, o Cacique Afukaka percebia que os rituais, as danças e as línguas de outras aldeias estavam se acabando e temia que acontecesse o mesmo com a sua. Esse enorme patrimônio imaterial, resultado de uma rica vida cultural, jamais foi documentado, de forma sistemática, e hoje está depositado unicamente na memória de alguns "mestres de cantos" (*eginhoto*). A organização ainda realiza mostras para a divulgação do material produzido por eles. Segundo Mariká, fazer vídeos e ter espaço para exibí-los é poder mostrar para o público da cidade o modo de vida e os costumes de seu povo. Para ele, é muito melhor que os próprios índios registrem seus cos-

tumes, pois o homem branco não tem tanto compromisso com a cultura de cada etnia e mistura danças e ritos de uma aldeia com músicas de outra. Seu primeiro vídeo, "Nguné Elü: O Dia em que a Lua Menstruou", em parceria com Takumã Kuikuro, de 28 minutos, foi realizado em 2004. Ele mostra o ritual do eclipse da lua e todos os simbolismos que este traz para o povo Kuikuro. A idéia desse vídeo foi sugestão do Cacique Afukaka, mas ela só foi acatada depois de ser discutida na AIKAX e aprovada por todos. O vídeo participou da mostra Vídeo nas Aldeias do Festival de Rondônia, onde ganhou o Prêmio Chico Mendes de Melhor Documentário 2004.

Ao ser perguntado sobre seus planos para o futuro, ele respondeu estar realizando um vídeo sobre crianças. A idéia surgiu durante os cinco anos em que ele participou das atividades do Dia do Índio, para o público escolar, no Museu. Muitas crianças, que

nunca haviam visto uma comemoração como aquela, faziam variadas perguntas sobre como era a vida na aldeia, como era a alimentação deles, dentre outras. Diante de tanto interesse, Mariká resolveu registrar, no dia 19 de abril deste ano, Dia do Índio, a reação das crianças ao verem todos cantando, dançando e contando histórias.

Outro projeto no qual Mariká está envolvido é "Rituais Kuikuro do Alto Xingu: tradição e novas tecnologias da memória". Sob a coordenação dos professores Carlos Fausto e Bruna Franchetto, do Museu Nacional/UFRJ, e o apoio técnico da Vídeo nas Aldeias e de pessoas e instituições que assessoram a AIKAX, eles pretendem realizar uma documentação sistemática e um inventário do universo ritual do povo Kuikuro. O cinegrafista diz esperar que, no futuro, possa realizar ainda muitos vídeos sobre a cultura indígena brasileira. Além de ser uma forma de mostrar para o mundo como o próprio índio percebe sua cultura, seus hábitos e seus costumes, é também um incentivo para os jovens perpetuarem os rituais nas aldeias.



Museu do Índio conquista novos públicos em 2006

O Museu do Índio realizou diversas atividades em 2006, apresentando a política institucional do órgão de divulgação do patrimônio cultural indígena. Desde janeiro, um democrático espaço de exposições atinge novos públicos: o *Muro do Museu*. O muro da instituição foi reformado, especialmente, para abrigar painéis fotográficos.

A mostra de abertura exibiu imagens dos índios Paresi. O registro fotográfico foi patrocinado pelo Museu do Índio/Funai e realizado, em 2000, pelo fotógrafo Milton Guran. A exposição (do lado de fora do muro) ficou até final de maio de 2006. Com o apoio do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN/ Ministério da Cultura, uma nova exposição ocupou o Muro em junho: "Celebrações Indígenas" que reuniu fotografias sobre festas e rituais de 12 povos diferentes. Imagens feitas por fotógrafos profissionais e antropólogos,



em suas pesquisas de campo, como Carlos Silva (Pará), Rosa Gauditano (São Paulo) e Milton Guran (Rio de Janeiro), retrataram os índios Kayapó (PA), Waiwai (AM), Karajá (GO), Ikpeng (MT), Pankararu (PE), Wayana-Aparai (PA), Yawalapiti (MT), Bororo (MT), Xikrin (PA), Xavante (MT), Tiriyo (PA), e Ticuna (AM). A mostra ficou até final de julho de 2006.

Dia do Índio

Em abril, durante a programação alusiva ao Dia do Índio, foram realizadas diversas ações: danças e cantos indígenas, além de filmes e eventos para crianças. A programação contou com a presença de índios Kuikuro (Xingu – MT), Fulni-ô (PE), Gua-

rani (RJ) e Nambiquara (MT). Todos os eventos foram gratuitos. Cinco mil e 548 pessoas participaram dessa programação especial.

Ao som de cantos e danças da cultura Fulni-ô (PE), o Museu do Índio lançou a publicação "Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil", elaborado por Dilza Fonseca da Motta, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacio-



Coral de crianças Guarani de Paraty Mirin

nal / Ministério da Cultura. O projeto foi desenvolvido no Museu do Índio, em 2003 e 2004, para que os povos indígenas tivessem maiores oportunidades de resgatar seu patrimônio cultural material, além de apoiar tecnicamente as instituições que abrigam os seus acervos. Na ocasião, foi exibido o filme "Era uma vez um índio Carijó", dirigido pelo cineasta Noilton Nunes e pela antropóloga Regina Abreu.

Dia do Índio em Brasília

O Museu do Índio (RJ)/Funai e o Departamento de Museus e Centros Culturais – IPHAN/ Ministério da Cultura promoveram no dia 18 de abril, no Palácio do Planalto, a exposição "A Arte da Transformação: Máscaras e Rituais Indígenas" e o lançamento do Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil. Na ocasião, foi assinado o Termo de Cooperação com a Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikuyana (Apitikatxi) do Pará e Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (Iepé) para a implan-



tação do projeto "Artesãs do Tumucumaque: revitalização de práticas artesanais e organização das mulheres Tiriyo e Katxuyana". Estiveram presentes lideranças indígenas da associação e artesãs.

Cerca de 30 máscaras, pertencentes ao acervo etnográfico do Museu do Índio no Rio de Janeiro, e 12 fotos representativas de 26 grupos indígenas do Brasil mostraram a diversidade de práticas culturais

como rituais e cerimônias. "Contribuir para mudar a visão do senso comum sobre os índios, combatendo a desinformação e o preconceito, continua sendo um objetivo básico de toda e qualquer exposição que tenha como tema a cultura e os modos de ser indígenas", declarou o antropólogo Luís Donisete Benzi Grupioni, curador da mostra.

No momento, o Museu do Índio e o Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense apre-

sentam a exposição "A Arte da Transformação: Máscaras e Rituais Indígenas" dentro da programação cultural do evento "Brasil Profundo – 4ª Interculturalidades". A exposição, também, já foi apresentada, em junho, na Universidade Católica de Goiás, por ocasião da 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia em Goiânia.

O que vem por aí

- A exposição fotográfica "A conquista da escrita" ocupa, de novembro a abril de 2007, o Muro do Museu. Aborda a introdução da escrita nas sociedades indígenas brasileiras.
- Inauguração, em dezembro, de um novo espaço expositivo para fotos nos jardins da instituição.
- Dentro das iniciativas do projeto de modernização da instituição, acontece, em dezembro, a divulgação da nova linha editorial das publicações técnicas do Museu do Índio com a publicação de "Política Indigenista e Conflitos Regionais na Amazônia (1910-1930)" e "A Cobra Grande: uma introdução à cosmologia dos povos indígenas do Uaçá e baixo Oiapoque-AP" dos antropólogos Carlos Augusto Rocha Freire e Lux Vidal respectivamente.



O turismo em área indígena: Cannibal tours?

José R. Bessa Freire*

Aconteceu em Brasília, dezembro de 2005, um evento que discutiui, entre outros temas, o turismo em terras indígenas. O seminário nacional “Diálogos do Turismo, uma viagem de inclusão”, organizado pelo Ministério do Turismo e pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), tratou da criação de políticas públicas para o setor. Na ocasião, o autor deste artigo fez palestra, formulando questões a partir do documentário australiano intitulado “Cannibal Tours” (1988, 72 minutos).

O documentário mostra europeus e norte-americanos, num cruzeiro pelo mar da Papua-Nova Guiné, visitando aldeias às margens do rio Sepik. O cineasta Dennis O'Rourke filma tudo. O contraste é gritante. De um lado, os nativos apresentam dança tradicional e mostram artesanato, pinturas faciais, rituais, narrativas e suas casas de reza. De outro, turistas entram nas aldeias, invadem as casas, barganham o preço de peças de artesanato, buscando o exótico, o diferente, o “autêntico”.

Um casal de americanos ri, de forma vulgar, dos objetos fálcos vendidos como souvenir. O alemão, de terno safári, quer filmar “o lugar onde antigamente os nativos matavam seus inimigos para comê-los em banquetes antropofágicos”. A italiana, em calça jeans, pinta a face com padrões gráficos locais e lamenta que os nativos reorganizem suas vidas em função do turismo, comprometendo a ‘autenticidade’ da cultura visitada. Sem qualquer constrangimento, ela fotografa o interior da casa de reza.

Se fosse filme de ficção, com atores, seria uma caricatura. Mas as imagens documentam, em plena ação, personagens reais, revelando uma ‘tribo de turistas’ que conhece muito pouco sua própria cultura e, talvez por isso mesmo, tem dificuldades em se relacionar com o “outro”, o “diferente”. Os nativos precisam vender aquilo que o turista quer comprar: artesanato, paisagem, exotismo, danças, festas, pintura corporal, fotos, filosofia de vida e outras produções culturais. São esses interesses comuns que permitem a interação entre ambos. Por isso, *Cannibal Tours*, rejeita a idéia simplista de que o ‘nativo’ tem sua cultura “contaminada” pelo turista, e que este último é um bobalhão, sem bagagem cultural, representante da vanguarda do capitalismo.

O filme contribui para formular várias questões: o que é que os turistas querem com os índios e o que os índios ganham com o turismo? Quais as conseqüências sobre as culturas indígenas e os próprios turistas? Essa “autenticidade”, tão buscada pelos turistas, não é negada por eles mesmos, quando invadem as aldeias em quadrilhas? Por último: como formular políticas públicas para o turismo indígena diante da escassez de estudos, de pesquisas e de bibliografia sobre o tema? A palestra feita no seminário discutiui esses aspectos.



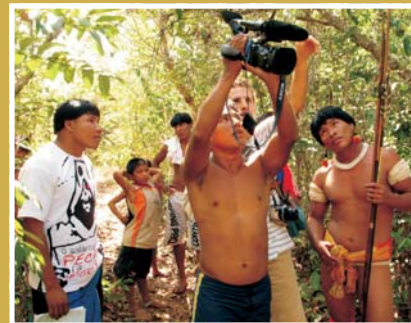
Loja de artesanato remodelada

A Artíndia ganha, em dezembro, uma nova programação visual. A loja oferece artesanato de diferentes grupos indígenas brasileiros. Há peças em cerâmica, cestaria, objetos em madeira e máscaras, além de CDs de músicas indígenas. Aberta de segunda a sexta-feira, das 9 às 17h30min. Sábados, domingos e feriados, das 13 às 17 horas.

Fotos e videos do Xingu

Em novembro, acontece a inauguração da mostra “Tisakisu: Tradição e Novas Tecnologias da Me-

mória” no Espaço Museu das Aldeias. São fotos e peças dos índios Kuikuro do Xingu (MT), além de vídeos produzidos pelos próprios xinguanos. Até abril de 2007.



Primeiro, abordou a relação entre o turista e o índio, com a ajuda de conceitos como o de *cultura* – chaman-do a atenção para seu caráter fluído e dinâmico; de *identidade étnica* – mostrando tratar-se de uma instância negociada e modificada pelos agentes sociais; de *nação* – assinalando sua origem histórica. A partir dessas colocações, a noção de ‘autenticidade’ foi questionada, da mesma forma que a divisão das culturas em ‘autênticas’ ou ‘falsas’. Num segundo momento, descreveu algumas práticas de turismo em áreas indígenas no Brasil, enfatizando que os índios que delas participam não são vítimas ou elementos passivos de um processo de ‘perda de cultura’, mas se constituem em agentes de sua própria formação cultural. E, finalmente, na terceira parte, apresentou propostas teóricas para pensar o turismo, com sugestões de políticas públicas.

Afinal, quais são os danos e os benefícios do turismo em área indígena? A indústria do turismo mexe com a vida dos índios, mas são escassos os trabalhos que analisam os processos culturais gerados no âmbito da atividade turística. No Brasil, existem 601 cursos superiores de Turismo e de Hotelaria, mas eles estão mais preocupados em treinar quadros técnicos do que em formar pesquisadores. O planejamento de atividades

turísticas em áreas indígenas complica se as terras não forem demarcadas e se não houver fomento da pesquisa para conhecer os impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais do turismo em áreas indígenas. É preciso, também, garantir o controle dos índios sobre a gestão das atividades turísticas em suas áreas, formar agentes indígenas de turismo e desenvolver ações educativas envolvendo tanto os turistas como as comunidades indígenas, que devem estar preparadas para receber os visitantes da mesma forma que os turistas necessitam de informações básicas para lidar com a diversidade cultural.

Finalmente, os participantes do seminário debateram a necessidade de elaborar normas para o turismo em áreas indígenas, com a formulação de legislação própria e o estabelecimento de medidas cautelares para registrar, patentear e proteger os etnosaberes, presentes em muitos atrativos culturais oferecidos pelos diversos grupos étnicos aos turistas. Do contrario, o turismo em áreas indígenas não passará de um Cannibal Tours.

*Coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERJ e Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO